

Mordomia Cristã

“Como bons administradores das várias graças de Deus, cada um de vós ponha ao serviço dos outros o dom que recebeu.” 1ª Pedro 4:10

I: O Significado de Mordomia na Vida Cristã

II: A Espiritualidade de Mordomia Aprofundada

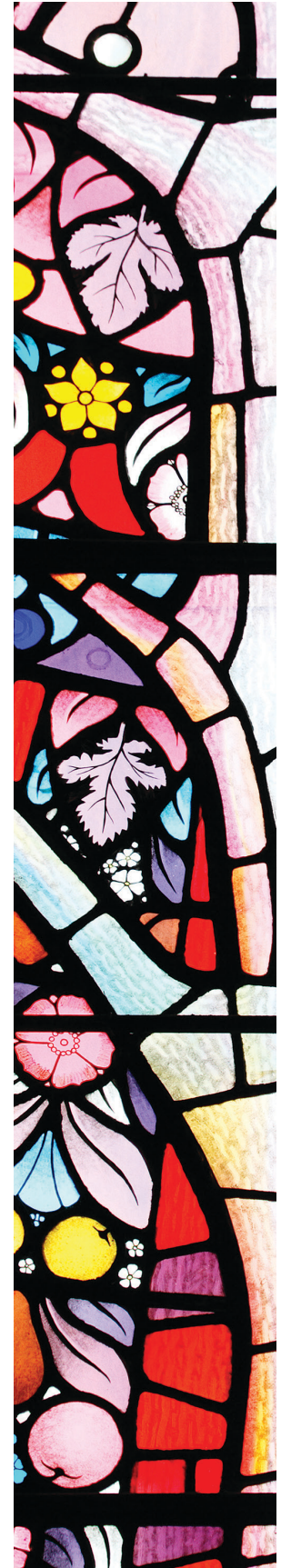
III: Razões para nos envolvermos com a Mordomia

1. É Bíblica
2. Dá Frutos
3. É Realista
4. É Abrangente
5. Dá Resposta ao Dilema do Envolvimento
6. É Contínua
7. É Proactiva

IV: O Caminho a Seguir



Archdiocese
of Toronto



I: O Significado de Mordomia na Vida Cristã

Um mordomo é um servente, a quem se confiou, durante algum tempo, os bens do Senhor. Utiliza mas nunca é dono dos mesmos, e terá de, um dia, prestar contas ao Senhor, sobre a forma como foram geridos e de como os tornou frutíferos.

Todos nós passamos algum tempo, mesmo que breve, a preparar para a nossa vida eterna com Deus. Enquanto cá andamos, recebemos tudo Dele, até mesmo a própria vida, e é-nos pedido que cuidemos bem daquilo que Ele nos confiou. Somos convidados pelo Senhor a ser bons gestores das suas dádivas. Não é de estranhar portanto, que a noção de mordomia ocupe um lugar central na nossa vida de fé.

A Bíblia refere-se frequentemente ao espírito de mordomia, mesmo não utilizando o termo. Na verdade, os conceitos de criado, discípulo e apóstolo, que ocupam um lugar fulcral nas escrituras, abrangem a ideia de mordomia. Enquanto Seus serventes, seremos um dia chamados para prestar contas ao Senhor aquando do seu regresso. O discípulo deverá ser fiel aos ensinamentos recebidos do Mestre. Os apóstolos são enviados por Jesus e devem representá-lo fielmente enquanto administradores da sua missão e mensagem.

A Bíblia ensina-nos que responsabilidade e mordomia são inseparáveis. No final seremos responsabilizados pela forma como fazemos uso daquilo que Deus nos dá. Em São Lucas 12:41-48, Nosso Senhor lembra-nos que somos como administradores encarregues dos bens do Mestre enquanto ele se ausenta. “Quem será, pois, o administrador fiel e prudente a quem o senhor pôs à frente do seu pessoal para lhe dar, a seu tempo, a ração de trigo? Feliz o servo a quem o senhor, quando vier, encontrar procedendo assim” Mas se o servo abusar da confiança do senhor dizendo para si mesmo “O meu senhor tarda em vir” e começar a espancar servos e servas, a comer, a beber e a embriagar-se, o senhor daquele servo chegará no dia em que ele menos espera e a uma hora que ele não sabe”

A perspectiva do regresso do Senhor deverá encher os cristãos de alegria: aguardamos alegremente e com esperança a vinda do nosso Salvador Jesus Cristo. Na era do Novo Testamento, e durante os primeiros séculos do cristianismo, os discípulos de Jesus viviam com um sentimento de expectativa vivaz, enquanto aguardavam o Seu regresso. A nossa liturgia, ainda hoje, está repleta de referências à vinda do Senhor, contudo é algo que ouvimos tão frequentemente que já não as levamos a sério. No entanto, Jesus regressará no fim dos tempos, seja isso quando for, e cada um de nós será chamado a prestar contas perante o Senhor no final da nossa vida sobre a nossa administração dos seus bens. É algo que poderá suceder a qualquer momento e devemos estar preparados. Apenas a utilização correcta do tempo, talento e dos tesouros que nos foram confiados por Ele, nos permitirá aguardar serena e alegremente a Sua vinda. Ouvimos os Evangelhos, frequentemente, falar no regresso iminente do Senhor.

Na parábola mais conhecida sobre mordomia, que se encontra em São Mateus 25:14-30 (ver também São Lucas 19:11-27), três servos estão encarregues de grandes quantias de dinheiro,

e são depois avaliados pelo senhor aquando do seu regresso, com base na forma como usaram aquilo que lhes foi dado. A forma monetária que está presente na parábola, o “talento”, é hoje utilizada como termo para descrever qualquer aptidão humana ou “dádiva” que temos a obrigação de desenvolver, tal como fizeram os servos louvados na parábola. Um administrador fiel, hoje, assim como então, tem de usar bem os seus talentos.

A mordomia pede que sejamos criativos e arrojados. Cada um de nós tem imenso potencial, e é triste ouvir no fim da vida de uma pessoa que esta “tinha tanto potencial”. Enquanto bons mordomos, devemos fazer uso dos bens de Deus de forma criativa e frutífera para que um dia os possamos devolver com lucro. Se verdadeiramente tivermos o espírito de mordomia, não desperdiçaremos as dádivas de Deus, e tampouco seremos egoístas, agarrando-nos a elas, antes partilharemos generosamente o que nos foi dado, servindo os outros, e ao fazê-lo damos glória a Deus. É este o propósito da mordomia.

É interessante destacar que logo após a parábola dos talentos, São Mateus fala-nos no julgamento dos povos (São Mateus 25: 31-46), quando as pessoas são separadas, assim como as ovelhas dos cabritos, com base nas suas acções enquanto viveram. Podemos usar o nosso tempo nesta vida para sermos egoístas, ou generosos para com os outros. Os abençoados usam o seu tempo na terra para cuidar daqueles que mais precisam. Isto aplica-se à mordomia, e somos chamados a fazer o mesmo.

Num determinado momento (S. Marcos 10:17-22), Jesus encontra um homem rico, que procura como alcançar a vida eterna. Jesus diz-lhe que siga os mandamentos e continua dizendo: “vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me.” Esta é boa administração; não nos agarrarmos aos bens materiais, mas sim partilhá-los com os mais pobres. Mas o homem foi embora triste pois tinha muitas posses e era dominado pelos seus bens materiais, tal como qualquer um de nós o pode ser. Que pena.

Jesus fala-nos dum rico insensato, cativado pelos seus bens, que constrói celeiros maiores para guardar o seu trigo (S. Lucas 12: 13-21) e diz: “Tens muitos bens em depósito para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te.” Mas Deus diz-lhe “Insensato! Nesta mesma noite, vai ser reclamada a tua vida; e o que acumulaste, para quem será?’ Assim acontecerá ao que amontoa para si, e não é rico em relação a Deus.”

Para nós, assim como para o rico insensato da parábola, a ideia da morte dá frutos espirituais, pois obriga-nos a todos a considerar as nossas prioridades. Qual é o objectivo de gastar toda esta energia em acumular tesouros ou gastar todo o meu tempo e talentos em coisas que acabam por ser inúteis? Os mais sábios dizem que na hora da morte ninguém deseja ter passado mais tempo no escritório. Temos de pensar no momento da nossa morte, mas não esperar até então para nos apercebermos daquilo que é mais importante, e como podemos ser bons gestores dos bens que recebemos para a nossa passagem pela terra. Como exemplo de prioridades mal ordenadas, Jesus fala-nos do homem rico e de Lázaro (S. Lucas 16: 19-31); onde o rico apercebe-se tarde demais de como deveria ter passado o seu tempo na terra. É preferível

ser como Zaqueu (S. Lucas 19:1-10) que se arrependeu da sua ganância.

O segredo da vida é reconhecer o nosso estado de dependência na providência de Deus. No final de contas, não somos donos, nem controlamos o nosso tempo, talento ou o tesouro que nos é concedido por Ele durante a nossa breve passagem pela terra. Tudo é um presente. A vida em si é uma dádiva.

É particularmente importante, percebermos isto, numa época em que as pessoas pensam, de forma insensata, que são mestres e não administradores das suas próprias vidas, chegando mesmo ao ponto de achar que têm o direito de decidir quando irão morrer. Esta autonomia tóxica é uma ilusão. Somos administradores, não donos, das nossas vidas; não temos o direito de tirar a vida a ninguém, inclusive a nós próprios.

Até nos primeiros capítulos da Bíblia encontramos o tema de mordomia. Foi confiado ao homem e à mulher o jardim de Deus. Podem desfrutá-lo e são responsáveis por ele, contudo não são donos dele. Infelizmente querem controlar tudo no Jardim, esquecendo-se que são simples administradores da criação do Senhor, e são por isso banidos. Foram enganados pela ilusão de auto-suficiência. É fácil sermos enganados.

Curiosamente chamam-nos “consumidores” com frequência. Que lástima sermos identificados apenas como pessoas que consomem os bens da terra. Se esse consumo se tornar a marca duma vida gananciosa, inevitavelmente seremos consumidos e possuídos pelos próprios bens que consumimos. É muito melhor ver estas coisas com a perspectiva certa. O tempo, talento e tesouro que gozamos durante um breve período devem ser aceites com gratidão, e usados generosamente. Ao fazer isto, esta posição de desapego permite-nos ser livres de verdade.

Ao esforçarmo-nos de forma consciente, para desenvolver mais plenamente o espírito de mordomia na nossa comunidade de fé, cada um de nós é convidado a examinar como utilizamos as ofertas abundantes que recebemos. Enterramo-las ou agarramo-nos a elas como se fossemos donos delas ou damos graças a Deus por elas e partilhamo-las generosamente.

II: A Espiritualidade de Mordomia Aprofundada

O termo “mordomia” é usado com frequência como uma espécie de código num contexto de pagar o dízimo ou angariação de fundos para fins religiosos. Certamente, se tivermos o espírito correcto de gratidão para com Deus por todas as dádivas que nos tem concedido, e estamos decididos a agir como guardiões responsáveis dessas mesmas ofertas (o verdadeiro sentido de mordomia), então estaremos mais predispostos a contribuir financeiramente como membros da nossa comunidade paroquial, o que poderá incluir o pagamento da décima ou angariar fundos.

Mesmo na sua infância, S. Paulo preocupava-se em organizar a colheita de fundos para a igreja (ver 1^a Coríntios 16: 1-4; 2^a Coríntios 8-9; Gálatas 2:10; Romanos 15: 25-28). Não vivemos num mundo de sonhos, e portanto o trabalho da igreja deverá ser financiado eficazmente. Temos de pagar contas e cuidar das necessidades dos pobres. Isto é, contudo, apenas um aspecto da mordomia, que se resolve sozinho, se os outros aspectos mais importantes (administração de tempo e talentos) forem enfatizados.

Ao procurarmos vivenciar a mordomia, é essencial evitar que fiquemos demasiado preocupados com a característica mais óbvia e superficial; a partilha de bens materiais. Se começarmos com isso, com a angariação de fundos para fins apostólicos, ficaremos por aí e a mordomia será apenas mais um programa. A satisfação alcançar-se-á somente, através duma mordomia aprofundada, o que significa uma abordagem mais profunda e um processo de reflexão tanto de nós próprios como enquanto comunidade, em que nos comprometemos a viver generosamente em todas as facetas da nossa vida, tal como o Evangelho nos chama a fazer.

A mordomia aprofundada começa com a gratidão e termina com a responsabilização. Por vezes chega a ser chamada de “atitude com gratidão.” Reconhecemos com gratidão, que tudo na vida é uma dádiva divina. No final, não somos donos de nada, mas apesar disto, é-nos confiado o tempo, talentos e tesouros que devemos usar durante a nossa efémera passagem pela vida. Quando chegarmos à hora da morte, não levamos nada connosco, à excepção da vida que surge do amor generoso. Se cada um de nós estiver bem ciente desta oferta, então não sentimos apego a nada, podendo desta forma ser bons administradores dos bens que Deus nos confiou enquanto vivemos, partilhando generosamente e no fim das nossas vidas devolvendo tudo ao Senhor com lucro. Tal como os servos da parábola, seremos chamados a apresentar contas da forma como utilizamos o que o Mestre nos deixou.

Mordomia aprofundada implica termos as nossas prioridades bem ordenadas. Enquanto discípulos de Jesus, devemos ter bem esclarecido aquilo que mais importa. S. Inácio de Loyola convida quem sabiamente participa nos seus “Exercícios Espirituais” a perguntar quem é o seu Mestre. Isto determina tudo. E todas as tradições espirituais do cristianismo necessitam que façamos isto.

Nas ordens religiosas, irmãs, irmãos e padres prometem seguir os conselhos evangélicos

de pobreza, castidade e obediência. A maioria dos discípulos não se compromete de forma tão formal a seguir estes conselhos, mas no entanto, falam para todos nós, destacando que não somos mestres das nossas próprias vidas, mas que devemos usar o que temos para servir os outros. Os três conselhos reduzem-se na sua essência à pobreza - confiar no Senhor, estando ao dispor dos outros e não assumir que somos mestres da situação. Somos apenas mordomos, e não mandamos. Ter consciência disto é libertador.

Há duas formas certas de descobrir o que é de facto importante na minha vida - descobrir quem é o meu Senhor.

A primeira é olhar para como gasto o meu dinheiro, como administro os meus bens materiais. Gasto dinheiro naquilo que acho importante. Analisando o extracto bancário de qualquer organização, família ou indivíduo, facilmente identificamos o que é tido como importante.

A segunda, e mais reveladora forma de descobrir as minhas prioridades, é examinar como passo o meu tempo. As nossas vidas são compostas por tempo, e a minha administração deste recurso escasso, revela verdadeiramente, o que considero mais importante. Cada dia tem 24 horas, e em passando não torna a regressar. Tenho de escolher constantemente como usar o meu tempo, já que ao passar este momento, o tempo deixa de ser meu.

Um tema espiritual relevante relacionado com a administração do tempo é o “Sacramento do Momento Presente”; a minha vida encontra-se em cada momento que passa, e é preciso apenas oferecer esse momento ao Senhor para que seja feita a sua vontade. “Venha a nós o Vosso Reino; Seja feita a Vossa vontade.” Se fizer isto, nunca me arrependerei do passado ou irei temer o futuro. É assim a administração do tempo.

Tempo, talento e tesouro: estas são as ofertas que cada um de nós recebeu livremente, e que devemos usar responsabilmente com espírito de gratidão. Se assim fizermos em cada dia das nossas vidas até ao momento em que seremos chamados a prestar contas, então viveremos alegres e serenamente a mordomia aprofundada.

Nos últimos 50 anos tem-se desenvolvido toda uma teologia e espiritualidade com base na mordomia nas paróquias e dioceses nos Estados Unidos e no Canadá, o que tem levado a uma enorme transformação na vida dos discípulos que delas fazem parte. Em 1992, os bispos Americanos publicaram uma carta que resumiu os pontos-chave da visão de mordomia presente no Evangelho e a fé viva da Igreja: “A Mordomia: A Resposta do Discípulo (*Stewardship: a Disciple's Response*)”. Esta carta tem sido extremamente importante, pois permitiu a todos envolvidos no aprofundamento da mordomia organizar o pensamento e a discussão em torno do tema. Definiu o mordomo cristão como: “Alguém que recebe as ofertas de Deus com gratidão, estima-as e cuida delas de forma responsável, partilhando-as com justiça e amor e devolvendo-as ao senhor com lucro.” Com a adopção das várias comunidades deste modelo de mordomia, recomendo a todos, o estudo e debate desta carta. A mordomia é uma forma de viver, ou como

os bispos Americanos escrevem nesta carta, é a resposta dos discípulos às dádivas de Deus,

O Conselho Católico Internacional de Mordomia (*International Catholic Stewardship Council ou ICSC*) ajuda as dioceses a pôr em prática os princípios de mordomia. Através da experiência e conselhos, diversas publicações e programas assistem as comunidades a entrar na mordomia. Aqueles que têm participado nas conferências anuais do ICSC, têm ficado impressionados com o vasto entendimento de mordomia que observaram nos testemunhos de indivíduos e comunidades que através da mesma se têm transformado.

É precisamente esta transformação espiritual profunda que queremos fomentar em todas as nossa paróquias, e em toda a comunidade da nossa diocese. É por este motivo que abordamos a mordomia de forma deliberada e bem pensada, aprendendo com o exemplo dos outros e adaptando as suas ideias à nossa situação, tendo o cuidado de manter o foco na participação dos membros da comunidade na totalidade das suas vidas enquanto discípulos. Esta abordagem é fundamental senão ficaremos presos num beco sem saída se ficarmos preocupados apenas com uma ideia de mordomia superficial, tal como a ênfase no dinheiro. Devemos aceitar somente uma mordomia aprofundada, em que cada um de nós decide usar generosamente o nosso tempo, talento e os tesouros que Deus nos confiou.

Esta perspectiva de mordomia significa uma conversão individual e comunitária; implica viver como discípulos com espírito generoso e participação total, tal como nos foi pedido através do nosso baptismo e crisma. A vida é curta demais para a desperdiçarmos ao ser apenas meios discípulos. Participar com alegria enquanto mordomos tem efeitos nas nossas vidas que por sua vez se estende a forma como agimos enquanto comunidade.

III: Razões para nos envolvermos com a Mordomia

Apresento aqui alguns motivos pelos quais acredito que desenvolver e aprofundar sistematicamente o espírito de mordomia será valioso para a nossa diocese.

1. A mordomia aparece como tema central na Bíblia e na nossa fé cristã viva. Citei acima as fontes com base nas escrituras.

2. É inegável que a mordomia dá frutos. Nos sítios onde, com o passar do tempo, os paroquianos se envolvem cada mais dando o seu tempo, talentos e tesouros aos outros, tal como manda o Evangelho, a igreja floresce. Paróquias com mordomia apresentam um aumento de voluntários, um maior zelo na oração, a ajuda aos mais necessitados torna-se mais eficaz, há um aumento nas vocações religiosas e sacerdotais, etc. Temos de ser humildades e aprender com os outros, especialmente no que a abordagens apostólicas eficazes diz respeito.

3. A mordomia é realista. Num vídeo que apresenta excelentes exemplos de paróquias mordomas, o pároco de uma diz que já trabalha nos vários aspectos da mordomia há trinta anos. Isto faz sentido pois tudo o que é importante na vida demora tempo, e necessita de cada vez mais compromisso para com a comunidade. O que há de mais fundamental na vida não é como as máquinas que construímos mas sim como as plantas que crescem com o passar do tempo.

4. A mordomia não é um programa novo mas sim Contínuo e Permanente. A mordomia não é tanto um programa mas sim uma forma de viver. Experimentamos com frequência programas e movimentos espirituais que surgem, aumentam e diminuem em popularidade acabando por desaparecer e serem substituídos por outros. Existirão sempre, e o bem que fazem não está aqui em causa, contudo a instabilidade destes programas, isto é, andarmos sempre dum para o outro é problemático pois cria-se uma espécie de padrão de sucesso e fracasso. O conceito de mordomia está intrinsecamente ligado aos temas fulcrais do Evangelho, e contempla uma reordenação contínua e constante da abordagem àquilo que significa ser discípulo, criando assim uma base estável para as nossas comunidades poderem viver a sua fé. É um conceito que exige, no mínimo, a conversão baseada na fé e na acção que dá frutos, tanto do indivíduo, como do colectivo.

5. A mordomia dá resposta ao dilema do envolvimento. Vê-se uma maior partilha de responsabilidades nas paróquias que aplicam esta visão de mordomia. Onde isto não acontece, é comum ver uma divisão desproporcional da carga de trabalho, ou seja, poucos fazem muito. Consequentemente cansam-se por fazer demais e ficando desiludidos, simplesmente afastam-se, acabando por desistir de qualquer envolvimento futuro. Outra situação que se vê é a concentração de poder sempre nas mesmas pessoas, por norma um pequeno grupo, o que leva os outros a sentirem-se excluídos. Nenhum destes exemplos é saudável. Muitos a trabalhar torna tudo mais leve e com mais paroquianos a participar, cada um poderá sentir a alegria de dar sem estar em perigo de chegar ao ponto de desgaste. Não queremos uma comunidade em que poucos paroquianos participam e a maioria está num estado passivo, a manifestação de

preguiça religiosa. Um dos efeitos principais da mordomia é que leva a que todos os membros duma qualquer paróquia se tornem mais activos, partilhem o seu tempo, talento e tesouros servindo generosamente, o que por sua vez permite a todos viver todos os aspectos duma comunidade paroquial rica, podendo então focar a sua energia em tornar Cristo mais presente no nosso mundo.

6. A mordomia é compreensiva e amplia actividade já existente. Por ter surgido das mesmas bases do discipulado, a mordomia está em harmonia com as nossas outras iniciativas apostólicas e organizações. Não as duplica nem as substitui e tão pouco interfere com elas, mas antes amplia-as. É parecido com a imagem de santidade de S. Francisco de Sales, que nos diz que quando rubis e esmeraldas são passados por mel são na mesma pedras preciosas que apenas brilham mais. Isto para dizer que a nossa personalidade não desaparece quando vivemos a nossa vida para alcançar a santidade. Somos apenas uma versão mais radiante de nós próprios. Pode-se dizer o mesmo sobre os diversos grupos e iniciativas apostólicas quando nos comprometemos plenamente com a mordomia: cada um permanece igual mas brilha cada vez mais, elevado pelo espírito de gratidão pelas dádivas de Deus, resultando numa maior partilha do nosso tempo, talento e tesouros.

A nossa diocese é abençoada por ter uma abundância de movimentos e organizações apostólicas, e acredito que cada uma só terá a ganhar se a nossa comunidade de fé caminhar intencionalmente na direcção da mordomia cristã. Se, enquanto diocese e paróquia, estivermos todos à procura de como ser melhores e mais fieis gestores dos bens de Deus, então enquanto indivíduos, seremos um membro mais eficaz e activo da Liga Católica das Mulheres (*Catholic Women's League*) ou dos Cavaleiros de Columbus (*Knights of Columbus*) ou qualquer outra organização apostólica. De igual modo, o aprofundar desta “atitude de gratidão” ampliará o nosso compromisso para com a oração e a adoração eucarística (tão importante para que a nossa acção apostólica dê fruto), levará ao aumento da participação leiga na nossa missão de evangelização, o chamamento de Deus às vocações sacerdotais e à vida religiosa irá obter maior resposta, e veremos acção mais dedicada e corajosa no que à justiça social diz respeito, e por aí fora.

Caminhar de forma consciente, intencional e comprometida na direcção da mordomia ajudará as nossas organizações e iniciativas apostólicas a crescer e fará com que surjam novas, na glória de Deus e em serviço ao Seu povo.

Peço a todos os grupos ou movimentos apostólicos dentro da arquidiocese para que através da oração, reflecta sobre os temas ligados à mordomia cristã e que participe activamente no desenvolvimento da mesma na nossa comunidade.

7. A mordomia é proactiva. Com frequência olhamos demais para os problemas que enfrentamos para depois ficarmos imobilizados pela imensidão da tarefa que temos pela frente como discípulos. Jesus nos diz, tal como disse a Pedro: “Faz-te ao largo; e vós, lançai as redes para a pesca.” (S. Lucas 5:4). Confiando, não na nossa própria força mas na providência de Deus, devemos concentrar-nos em construir o reino de Deus, tal como os apóstolos e todos os

santos da Igreja e os problemas que enfrentamos serão resolvidos, cada um a seu tempo. Não podemos entrar num estado mental reactivo. Ao olharmos para os Actos dos Apóstolos, podemos ver como as primeiras comunidades cristãs, com todos os seus defeitos e pontos fracos, avançaram confiantemente para dentro do império pagão. Na mordomia, concentramo-nos em desenvolver um sentido de gratidão profundo para com as ofertas de Deus e em convidar todos os discípulos a envolverem-se na missão evangélica recebida aquando do seu baptismo. Esta abordagem positiva e repleta de energia é o único caminho a seguir.

Imaginem a nossa sociedade se cada vez mais membros da nossa arquidiocese usassem a sua energia e generosidade em benefício de todos e para dar vida à palavra de Deus, especialmente num mundo onde faz tanta falta. A mordomia cristã implica uma tentativa consciente e cuidadosa para activar toda esta energia e direccioná-la de forma focada e eficaz para servir a Deus e ao próximo.

IV: O caminho a seguir

O espírito da mordomia já está presente nas nossas paróquias. Como bispo tenho viajado bastante e tive oportunidade de interagir com padres e paroquianos e a generosidade e devoção dessas pessoas e a forma como põe o seu tempo, talento e tesouro ao dispor dos outros em serviço a Deus, deixa-me deveras impressionado. Não é preciso importar ideias novas sobre a mordomia de lado nenhum como se estivessem em falta entre nós. Não de todo. Seria de facto estranho, algo tão central no Evangelho, estar ausente da nossa comunidade. Contudo, podemos de forma intencional e sistemática, procurar fomentar a mordomia em cada uma das nossas paróquias, para que possamos todos viver plenamente como administradores generosos dos bens de Deus. Há métodos comprovados de como fazê-lo e podemos todos beneficiar deles.

A mordomia cristã é uma dimensão essencial da visão subjacente ao nosso plano pastoral. Somos chamados pelo Senhor à responsabilidade pastoral de cuidar de quem se reúne; quem já participa na vida de fé e somos enviados por Deus na missão apostólica de chegar àqueles que estão espalhados; àqueles que se têm afastado da Igreja ou que nunca ouviram falar no Evangelho. A utilização criativa, enquanto mordomos, do nosso tempo, talento e tesouro, permitirá a quem se reúne, formar uma comunidade cristã mais envolvida e bem-sucedida na vida, tal como dita o Evangelho e mais inclinada a alcançar eficazmente quem está disperso, oferecendo-lhe um exemplo atractivo e vibrante duma comunidade cristã.

O primeiro pilar do nosso plano pastoral é o desenvolvimento de paróquias vibrantes, o que coincide com aquilo que é a mordomia. O segundo pilar são as vocações de todos os tipos: somos chamados a decidir, com a ajuda de Deus, qual a sua vontade, para que sejamos bons administradores dos Seus bens dentro da vocação a que fomos chamados. Assim que descobirmos qual o caminho que Deus quer que sigamos na nossa vida enquanto discípulos cristãos, o espírito da mordomia nos ajudará a ser mais bem-sucedidos na nossa vocação. O terceiro pilar é cuidar de quem precisa e estender-lhe a mão com amor e um sentido de justiça. Fazemo-lo ao partilhar as nossas dádivas com eles como bons gestores de tempo, talento e tesouro. O quarto pilar é a missão de evangelizar. Se uma vida como discípulo, que é formada pelo nosso compromisso com a mordomia, nos leva a que usemos as nossas ofertas de forma frutífera, então as nossas paróquias vibrantes, os nossos cristãos dedicados que seguem as suas vocações, e o nosso cuidado pelos necessitados terá impacto na nossa sociedade secular, ajudando a evangelizá-la.

Para nos prepararmos para entrar melhor no espírito da mordomia, formamos uma Comissão para a Mordomia na arquidiocese para trabalhar com a direcção da divisão de Vitalidade Paroquial e Mordomia (*Parish Vitality and Stewardship*) no Gabinete de Formação para o Discipulado (*Office of Formation for Discipleship*). A sua missão é implementar o desenvolvimento da mordomia nas nossas paróquias e em toda a arquidiocese. Uma das reuniões anuais de sacerdotes é dedicada à mordomia, assim como um dos retiros sacerdotais. A liderança dos padres é essencial para que a mordomia floresça.

Uma vez que é preciso aprender com o resto do mundo, será enviada uma delegação forte para as reuniões sobre mordomia tanto nacional como internacionalmente. Conforme formos avançando, continuaremos o nosso trabalho de aprofundamento do entendimento dos princípios básicos da mordomia e das diversas maneiras em que pode ser introduzida com sucesso nas nossas paróquias, aproveitando tudo o que aprendemos com os exemplos dos outros. Podemos depois criar uma abordagem à mordomia adaptada à nossa situação particular, mantendo sempre na mente a importância de construir sobre uma fundação sólida de compreensão e reflexão. Usando outro exemplo; façamos como o carpinteiro: medir sempre duas vezes antes de cortar.

Com as paróquias a seguir cada vez mais o caminho da mordomia, é importante que o Conselho Pastoral de Párocos e Paróquias (*Pastor and Parish Pastoral Council*) aumente o seu entendimento da questão, enviando representantes às várias assembleias de mordomia e trabalhando com o Gabinete de Formação para o Discipulado e estudando, em espírito de oração, fontes como o documento dos bispos Americanos e material proveniente do ICSC. A partir daí, serão capazes de aplicar o conhecimento mais eficazmente a cada paróquia de forma particular. Devem estabelecer um Comité Paroquial de Mordomia, que tenha como tarefa fomentar a mordomia dentro da paróquia. É de notar que esta comissão responde ao Conselho Pastoral de Párocos e Paróquias, não ao Comité Financeiro Paroquial, já que a mordomia cristã contempla mais do que questões financeiras apenas. Conforme o programa cresce, a cada ano que passa, a paróquia é exemplo e testemunha da forma como a vida das pessoas se transforma através da mordomia, e mostra como em termos práticos, cada paroquiano tem oportunidade de se envolver mais na sua comunidade, partilhando generosamente o seu tempo, talento e tesouro.

O plano pastoral da nossa arquidiocese é baseado no Acto dos Apóstolos, onde vemos uma comunidade de discípulos energizados pela dádiva do Espírito Santo no dia de Pentecostes, que sai para a rua e partilha a sua experiência de Jesus com os seus contemporâneos. Não são de todo perfeitos, mas nós tampouco o somos: somos todos pecadores e precisamos da misericórdia de Deus. Foi por isso que Jesus nos deixou o Sacramento da Reconciliação, sabendo que iríamos precisar dele. Contudo, os discípulos, no livro dos Actos, procuram ser as melhores testemunhas possíveis, tentando manter-se fiéis ao Senhor. Há momentos em que a comunidade fraqueja, mas é fortalecida na sua missão pela forte confiança que tem na providência de Deus. Não se fecha em si própria e nos seus problemas mas antes procura evangelizar o mundo Romano, uma sociedade indiferente e hostil ao Evangelho. É este espírito, presente nos Actos dos Apóstolos e em cada comunidade ao longo da história da Igreja que tem sido uma testemunha apostólica frutífera.

Temos muito a aprender com eles, pois nós também enfrentamos muitos problemas na nossa missão como discípulos, e a nossa sociedade também não é muito receptiva ao Evangelho. Temos de ser honestos e manter-nos atentos com os problemas que temos pela frente, e passar talvez apenas vinte por cento do nosso tempo e energia a dar-lhes resposta, despendendo os restantes oitenta na tarefa de aprofundar a nossa experiência como fontes vivas da presença do Espírito Santo, e do chamamento de Jesus no Evangelho, para que possamos atingir todos na

nossa sociedade, confiantes na providência do Senhor.

A conversão individual é o ponto de partida, pois até Jesus começou a sua missão dizendo: “Convertei-vos, porque está próximo o Reino do Céu.” (S. Mateus 4:17), repetindo a mesma mensagem de S. João Baptista (S. Mateus 3:2). O Senhor nosso Deus nos irá purificar dos pecados que nos mantêm presos no egoísmo, o oposto da atitude generosa da mordomia. Mas esta conversão não é para que fiquemos focados em nós próprios, mas sim para que juntos possamos elevar a comunidade de fé, o Corpo de Cristo neste mundo, tornando presente o reino de Deus

Isto sucede quando cada discípulo baptizado está mais enraizado na experiência de Cristo, manifesta nos sacramentos e na palavra escrita de Deus e ao viver a fé da Igreja. Nos últimos anos, especialmente ao tentar descrever, da melhor maneira possível, as maravilhas da Santa Eucaristia e o Sacramento da Reconciliação, dou por mim a pensar naqueles que se têm afastado da prática da fé, ou que são praticantes mornos. Como é possível não ficar deslumbrado com a Eucaristia, a Reconciliação e os outros sacramentos? Se as pessoas apenas vissem que presente nos deu Jesus nos sacramentos, e naquilo que é a própria fé, correriam cheios de pressa para as portas das igrejas. Mas até mesmo as ofertas mais preciosas podem ser tomadas como certas, ou ficam no esquecimento com o passar da rotina diária e a vibrante realidade da nossa fé fica escondida pelo nosso pecado e falta de interesse.

Um dos pontos mais atractivos da mordomia, tal como a tenho visto em acção, é que leva a que os cristãos católicos se tornem cada vez mais envolvidos em todas as facetas da sua fé, o que os torna mais capazes de cumprir a sua missão na terra. Cada um de nós tem de perceber, com encanto e gratidão, as várias dádivas que Deus nos concedeu, começando pela própria vida, algo tão banal no nosso mundo de terrorismo, aborto, eutanásia e injustiça social. Foi-nos dado a todos uma pequena fatia de tempo nesta breve vida, assim como diversos talentos e tesouros. Deus deu-nos também as ofertas sobrenaturais da sua palavra e dos sacramentos e a realidade da nossa fé veio dos apóstolos. Ter consciência disto impulsiona-nos a partilhar essas ofertas generosamente, e ao dar, somos ainda mais abençoados.

No final de contas, a mordomia é uma tentativa consciente de cada um de nós entender melhor que Deus nos deixou as muitas graças, nas três categorias acima referidas e ter a capacidade de partilhá-las, desenvolvendo formas, enquanto comunidade, para que todos tenham oportunidade de fazê-lo também.

O propósito da mordomia cristã é de aumentar o nível de envolvimento de todos nós nas nossas paróquias, ao sermos convidados a servir os outros de diversas maneiras. Através do baptismo e crisma, somos chamados a ser participantes activos na vida da Igreja e não apenas observadores passivos. Há tanta coisa na nossa vida que se compara a mudar os canais da televisão com o comando, parece que fazemos muito e no fim não vamos a lado nenhum. Uma paróquia em que os membros são todos activos é uma comunidade excitante e recompensadora e não apenas um fornecedor de serviços espirituais, onde vamos uma vez por semana para

abastecer o depósito com o que houver disponível. Somos todos elementos da família de fé, e se houver problemas no seu seio, somos todos chamados a resolvê-los, e não apenas queixarmos-nos deles. Uma comunidade de fé animada desafia-nos enquanto discípulos a fazer grandes coisas por Jesus, na mesma veia dos Actos dos Apóstolos. Participar numa comunidade tão envolvida é um dos grandes benefícios da mordomia cristã, para cada pessoa individualmente e para o colectivo.

A nível pessoal, podemos todos ficar presos na rotina. Porque são dadas tão livremente por Jesus, até mesmo as dádivas da Palavra e dos Sacramentos podem ser tomadas como certas e podemos facilmente ficar amorfos na nossa devoção ao Mestre. Vamos à missa ao Domingo, mas caímos na passividade, perdendo o sentimento de deslumbre com as maravilhas da nossa fé. A palavra de Deus entra por um ouvido e sai pelo outro, e até mesmo a própria eucaristia se torna rotina, deixando de reconhecer o encontro incrível com nosso Senhor ressuscitado e de ser afectados pelo desafio das últimas palavras do sacerdote na missa: “Ide em paz, para amar e servir o Senhor!” Ponham isto, verdadeiramente em prática, e a vida de cada um de nos se transformará numa coisa nova.

Por vezes ouvimos os sábios dizer que a “fé apanha-se, não se ensina.” O que atraiu as primeiras pessoas ao discipulado cristão foi o testemunho dos discípulos, não tanto as suas palavras mas mais a vitalidade das suas vidas, e a alegria profunda que irradiavam. Foi isto que me atraiu à mordomia: o efeito óbvio na vida das pessoas que a têm vivido. É realmente mais abençoado dar do que receber e ao viver generosamente recebemos sempre muito, muito mais do que damos. A mordomia cristã não é novidade, nem uma solução mágica para os desafios que enfrentamos. Significa uma mudança de atitude em cada um de nós, uma “atitude de gratidão” que se infiltra em todos os aspectos da nossa vida como discípulos.

Thomas Collins, Arcebispo de Toronto
7 de Outubro de 2018